

# GESTÃO POR RESULTADOS E PERFORMATIVIDADE: A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

Zenildo José Barbosa  
Programa de Pós graduação em Educação (PPGE/UFPB), João Pessoa/PB.  
[zenildojosebarbosa@gmail.com](mailto:zenildojosebarbosa@gmail.com)

Jorge Fernando Hermida Aveiro  
Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UFPB), João Pessoa/PB  
[jorgefernandohermida@yahoo.com.br](mailto:jorgefernandohermida@yahoo.com.br)

## 1. INTRODUÇÃO

Para uma maior clareza acerca das pressões que o trabalho pedagógico docente vem sofrendo nas últimas décadas, é importante refletir acerca da categoria trabalho, a partir do materialismo histórico-dialético. A compreensão acerca dessa categoria se faz a partir do entendimento de Marx (2013) de que “o trabalho é o processo entre o homem e a natureza” e que para transformá-la num produto final que será consumido pela sociedade existe relações complexas que envolvem os meios de produção, o mais-valor e a própria condição do trabalhador na produção das mercadorias e sua relação contraditória com o dono dos meios de produção.

É na categoria trabalho que essa pesquisa se debruçou, especificamente no trabalho pedagógico do docente que em tempos de Gestão da educação por Resultados tem influenciado a *performance* dos profissionais da educação em busca de melhores índices nas avaliações em larga escala.

Para Marx (2013), compreender como os produtos são produzidos permite identificar e situar o tempo histórico no qual aconteceu o processo de sua produção, quais as relações sociais existentes no período e quais os modelos econômicos vigentes na época. Neste sentido, o autor ressalta que “o que diferencia as épocas econômicas não é “o que” é produzido, mas “como”, com que meios de trabalho. Estas não apenas fornecem uma medida do grau de desenvolvimento da força de trabalho, mas também indicam as condições sociais nas quais se trabalha” (Marx, 2013, p.329-330). Sendo assim, as condições sociais nas quais os trabalhadores são submetidos evidencia as estruturas organizadas dentro do sistema capitalista com o intuito de perpetuar os interesses dominantes sem levar em consideração que o trabalho é fundamental para a existência da

vida humana, uma vez que esse sistema expropria a força de trabalho e produz desigualdades sociais retirando o direito de acesso igual aos bens produzidos.

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo compreender como a cultura da performatividade adentrou às práticas educativas docente, a partir da Gestão por Resultados GR).

## **2. METODOLOGIA**

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, pois nesse tipo de investigação os investigadores não recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar as hipóteses que foram construídas previamente, e sim buscam as abstrações que são construídas à medida em que os dados particulares vão sendo recolhidos e agrupados (BOGDAN e BIKLEN, 1994).

Os procedimentos metodológicos contaram com levantamento bibliográfico, utilizando Marx (2013), Ball (2002, 2004), Freitas (2012), Saviani (2012) e Anderson (2017)

O método de procedimento utilizado foi a revisão bibliográfica, pois este tema exige uma análise do processo histórico da construção da política da gestão por resultados (GR). O período cronológico em que é analisado a referida temática é a partir da década de 1990. Considerando que nessa década houve a implantação da Nova Gestão Pública (NGP), que tem como objetivo desburocratizar e baratear o serviço público investindo num gerenciamento da educação pautada em resultados colocando no centro do sucesso dessa educação a desenvoltura do(a) professor(a). As fontes utilizadas para realizar o levantamento bibliográfico foram livros físicos e digitais; sites oficiais do Governo Federal; revistas e periódicos de pesquisa correlacionadas as instituições públicas de ensino superior que abordam a temática em questão.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir das leituras realizadas compreendemos que desde a implantação da NGP no Brasil na década de 1990, as condições sociais e econômicas da produção do trabalho, nesse caso em educação, têm sido fortemente atacada para atender os ditames dos empresários da educação que enquanto pertencentes a classe dominante tem buscado interferir nas políticas educacionais e no papel do docente nesse processo, esses empresários ligados aos institutos e fundações não estão sós, possuem parceiros de peso

como as agências multilaterais internacionais representantes do grande capital como os Estados Unidos e União Europeia.

A NGP foi sendo aprimorada ao longo das últimas décadas com mecanismos sofisticados de monitoramento da eficiência e eficácia dos trabalhadores no gerenciamento da coisa pública alinhado aos interesses e modelos de gestão aplicados no mercado.

Os mecanismos mais sofisticados da NGP foram tomando corpo a partir dos anos 2000 com o surgimento/regulamentação dos indicadores de avaliação como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), esses mecanismos foram reorganizados para atender a GR.

Segundo Ball (2004, p.1.106), os indicadores passaram a concretizar uma outra posição assumida pelo Estado na administração política neoliberal, passando de Estado provedor para Estado regulador permitindo a interferência do mercado com o terceiro setor e outros aliados operaram em diversos âmbitos da educação pública. Esse Estado agora além de regulador também é auditor, avaliando os resultados produzidos pelas escolas, nesse processo a responsabilização se torna mais opressora em todos os espaços educativos instalando a cultura da performatividade.

Ball (2002, p.04), define “a performatividade como uma tecnologia, uma cultura e um modo de regulação que serve de críticas, comparações e exposições como meio de controle, atrito e mudança”. Essa cultura tem contribuído para fazer do ambiente escolar um lugar competitivo pressionado pela GR. Os (as) docentes das turmas que compõem os indicadores externos têm sentido mais pressão ao participar de programas e projetos voltados a elevação dos índices da escola.

Freitas (2012) ressalta que a performance exigida dos profissionais da educação no ressurgimento do modelo empresarial adotado tem como suporte a teoria comportamentalista de Skinner (1972), empregada na década de 1970 com ênfase na releitura realizada por Gilbert (1978), que acredita que os resultados do comportamento estimulado precisam ser premiados se atingido as metas estabelecidas. Nessa cultura da performatividade, o modo como o sujeito se comporta no processo de produção pré estabelecido é visto como o ponto crucial para o sucesso das metas, ou seja, o comportamento termina sendo o lugar mais importante para que o fim do trabalho seja exitoso e por isso precisa ser premiado.

Esse modo de regulação tem apresentado um propósito na perspectiva ultraliberal que é o de formar um “novo” profissional adequado as necessidades do mercado, de fácil adaptação as orientações profissionais que recebe, com pouco questionamento e maior

produtividade. Em relação a produtividade as políticas educacionais neoliberais apresentam programas e projetos com formações continuadas e recursos didáticos prontos para serem aplicados nas turmas pelos(as) professores (as).

Para se adaptar ao perfil performático o (a) professor (a) precisa atingir os critérios estabelecidos pela GR assumindo a responsabilidade do sucesso da escola, isso porque os resultados são ranqueados e publicizados para toda a sociedade. Segundo Anderson (2017, p.599) os funcionários relatam sentir uma situação desleal à medida que as empresas trocam a fidelidade de seus trabalhadores com lucros a curto prazo. E isso tem acontecido com a educação uma vez que a política de terceirização tomou conta do serviço público atrelado a bonificação por resultado.

A performatividade está a serviço do modelo de escola burguesa que enfatiza o desenvolvimento cognitivo dos (as) estudantes e a reprodução social para atender os interesses da classe dominante que segundo Saviani (2012), não tem nenhum interesse em transformar a escola pública num espaço que contribua com a formação de cidadãos críticos, reflexivos e emancipados. Esse modelo de escola aprofundou a reprodução social de pessoas cognitivamente capazes principalmente de responder testes padronizados que servem para dar respostas aos organismos internacionais e nacionais relacionados a economia e a cultura dominante, de que o país investe na educação da classe trabalhadora, o que não é verdade.

Nas últimas décadas do século XXI a influência do ultraliberalismo econômico aprofundou a criação de estratégias pedagógicas que privilegiam o cognitivismo, sobrecarregando os professores com responsabilidades, testes periódicos (simulados), formações continuadas, aulas de reforço para os grupos da educação básica que são avaliados sendo eles: 2º ano, 5º ano e 9º ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio. Ainda são realizadas visitas técnicas dos membros dos órgãos locais e nacionais de educação que acompanham o processo avaliativo e a desenvoltura dos professores na sala de aula.

#### **4. CONCLUSÕES**

É importante apontar como o trabalho pedagógico atual tem sofrido alterações com a instalação da performatividade como uma cultura de competição. A mesma tem influenciado as políticas educacionais e o papel do profissional docente. Embora ela não seja produção natural do Estado, tem encontrado nele amparo legal, sendo legitimada pela

GR nas cobranças feitas aos professores para que produzam estudantes capazes de resolver as problemáticas lançadas nas avaliações externas, especificamente em duas áreas de conhecimento que são a Língua Portuguesa e a Matemática.

Dito isto, se faz necessário buscar saídas para esse momento de estagnação e desprofissionalização que os docentes da educação básica têm vivido no Brasil até o presente momento e essas saídas pode estar nas lutas sindicais e nos movimentos sociais por transformações radicais no modo como a sociedade moderna capitalista ultraliberal tem tratado o trabalho do docente pertencente a classe trabalhadora.

**5. PALAVRAS-CHAVE:** Gestão por resultados; Performatividade; Trabalho Docente.

## **6. REFERÊNCIAS**

ANDERSON, Gary. Privatizando subjetividades: como a Nova Gestão Pública (NGP) está criando o “novo” profissional da educação. **RBP****AE**. Porto Alegre, v.33, n.3, p.593-626, set/dez, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/79297> acesso em 30 de julho de 2023.

BALL, Stephen. Reformar escolas/reformar professores e os terrores da performatividade. **Revista Portuguesa de Educação**, v.15, n.2, p.03-23, 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37415201.pdf> acesso em 02 de outubro de 2023.

BALL, Stephen. Performatividade, privatização e o pós-Estado do Bem-Estar. **Educ. Soc.** Campinas, vol.25, n.89, p. 1105-1126, set/dez, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/3DXRWXsr9XZ4yGyLh4fcVqt/abstract/?lang=pt> acesso em 07 de outubro de 2023.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

FREITAS, Luiz Carlos de Freitas. Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação. **Educ. Soc.** Campinas, v.33, n.119, p 379-404, abr/jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/PMP4Lw4BRRX4k8q9W7xKxVy/abstract/?lang=pt> acesso em 28 de julho de 2023.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política. Livro 1 O processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas: Autores Associados, 2012.